



## O SURGIMENTO DO MOVIMENTO UNCOLLEGE NO ENSINO SUPERIOR AMERICANO

### THE UNCOLLEGE MOVEMENT EMERGENCE IN THE AMERICAN HIGHER EDUCATION

*Letícia Yumi Mori* <sup>(1)</sup>

*Patrícia Saltorato* <sup>(2)</sup>

*Geraldo Tessarini Júnior* <sup>(3)</sup>

*Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti Sigahi* <sup>(4)</sup>

*Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR, Sorocaba-SP*

#### RESUMO

Diante das crises financeira e ideológica no contexto do ensino superior norte-americano, surge o movimento UnCollege, cujo objetivo é superar o paradigma de que o diploma universitário é a alternativa natural para alcançar o sucesso individual no cenário capitalista atual. Assim, iniciativas como a organização UnCollege, criada por Dale S. Stephens, o programa Thiel Fellowship, de Peter A. Thiel, entre outras, ganharam destaque em espaços midiáticos relevantes voltados ao mercado como, por exemplo, o The New York Times e o Huffington Post, nos Estados Unidos, e as revistas Veja e Exame no Brasil. Tendo em vista o reconhecimento de tal movimento pelo mercado e a lacuna da literatura acadêmica sobre o tema, o presente artigo tem como objetivo explorar e analisar seu contexto de criação a partir da busca e da sistematização de informações relativas a esse polêmico movimento.

**Palavras-chave:** UnCollege; ensino superior; desescolarização; universidades.

#### ABSTRACT

In face of financial and ideological crises within the North American higher education context, the UnCollege movement emerges with the objective of overcoming the paradigm that university degrees are the natural alternative for reaching individual success in the current capitalist scenario. Initiatives such as the UnCollege organization created by Dale S. Stephens, the Thiel Fellowship program created by Peter A. Thiel, among others, was highlighted within relevant, market-driven media such as The New York Times and Huffington Post in United States and the magazines Veja and Exame in Brazil. Given the recognition of such movement from the market and the gap within the academic literature on the subject, this article aims to explore and analyze its context of creation based on the search and systematization of information regarding this polemic movement.

**Keywords:** UnCollege; higher education; deschooling; universities.

#### INTRODUÇÃO

Cada vez mais pode-se observar uma crise, de ordem financeira e ideológica, dentro do contexto do ensino superior (WILLIAMS, 2012; BARBER et al., 2013; CHAN, 2016). Segundo Chan (2016), uma das causas dessa crise é o desalinhamento entre a

expectativa colocada sobre as instituições de ensino pelas diferentes partes, ou seja, pela sociedade, pelos estudantes e pelo mercado, e o que elas se propõem a alcançar. Contudo, além dessa discrepância de objetivos entre estudantes e universidades (CHAN, 2016), houve também uma mudança na percepção

desses atores com relação às maneiras pelas quais as universidades devem atuar e disseminar os conteúdos diante da mudança nos perfis dos discentes face à nova cultura tecnológica e digital presente no mundo atualmente (SOUZA, 2016).

Segundo Pireddu (2013), uma das críticas presentes na literatura no que tange ao tema diz respeito à percepção de que as instituições de ensino seguem um modelo taylorista-fordista de ensino, na medida em que há uma tentativa de homogeneização do conteúdo e da forma como este é transmitido aos alunos, embora estes sejam “peças” individuais. Aliado a isso, observa-se uma resistência à mudança por parte das instituições formais de ensino apesar frente a uma nova demanda por uma nova forma de ensino e aprendizagem na era digital (PIREDDU, 2013; HARTNETT; BROWN; ANDERSON, 2014).

Uma segunda crítica às universidades diz respeito ao surgimento de uma tendência de “comercialização” dos serviços prestados por essas instituições (CHAN, 2016). Segundo pesquisa realizada pelo National Center for Education Statistics (NCES, 2017), observa-se, nos Estados Unidos, um aumento nos custos médios das universidades. De acordo com Williams (2012), isso gerou, como consequência, um aumento considerável nas taxas universitárias e nas dívidas estudantis no país, além da saturação de profissionais no mercado de trabalho. Segundo o autor, ainda, há um crescente questionamento sobre o real valor de um diploma universitário, tanto por parte de docentes quanto por parte dos alunos (WILLIAMS, 2012).

Diante desse cenário de potencial crise do sistema formal de educação no ensino superior americano, iniciativas surgem como pretensas alternativas ao diploma universitário tradicional, como por exemplo, o grupo UnCollege (UNCOLLEGE, 2017),

criado por Dale J. Stephens, que tem como objetivo “hackear” a educação, e o programa Thiel Fellowship, criado por Peter A. Thiel, que oferece bolsas de US\$ 100.000,00 para estudantes não irem às universidades e criarem seus próprios projetos fora delas (HINDMAN, 2012; WILLIAMS, 2012; BARBER et al., 2013; HARTNETT; BROWN; ANDERSON, 2014; BOLGER, 2017).

Tanto essas iniciativas quanto os exemplos de grandes empresas (Apple, Twitter, Facebook e outras) lideradas por CEOs que deixaram as universidades, têm fomentado a ideia da prescindibilidade do diploma universitário para o alcance da sonhada carreira de sucesso, o que é ainda corroborado por uma tendência cada vez maior de contratação de pessoas sem diploma universitário em diversas empresas no Vale do Silício (WILLIAMS, 2012).

No entanto, apesar do reconhecimento dessas iniciativas por veículos de imprensa de grande relevância internacional, como o New York Times, o The Huffington Post, o New York Magazine (HINDMAN, 2012; OJALVO, 2012; WILLIAMS, 2012), e nacional, como as revistas Exame e Veja (COSTA et al., 2013; HONORATO, 2013; ALLAN, 2015), foi constatada uma lacuna sobre o tema na literatura acadêmica. A busca por publicações sobre o tema resulta apenas em artigos de jornais como o The New York Times e revistas similares, sendo que em outros tipos de publicações foram localizadas apenas citações sobre tais iniciativas. A partir de buscas avançadas com a palavra-chave “UnCollege” em quaisquer dos campos da publicação, os seguintes resultados foram encontrados: um artigo na Science Direct; nenhum na Scielo; um artigo na Web of Science; e 136 resultados no Google Scholar. Dentre estes 136 resultados foram excluídos os documentos que não tratavam do

movimento propriamente dito (e.g., o uso do termo uncollege em outros contextos), que não estavam em inglês ou português e de veículos “informais”, como blogs pessoais, resultando em 25 documentos, dentre os quais apenas as publicações de artigos de jornais, como o New York Times e a revista Exame, por exemplo, focavam especificamente no UnCollege.

A partir dessa bibliografia, este artigo apresenta um estudo exploratório por meio da análise do contexto de surgimento dessa iniciativa e de outras similares. Com relação à metodologia, do ponto de vista da sua natureza, este artigo pode ser classificado como uma pesquisa básica, na medida em que visa a geração de novos conhecimentos sem uma “aplicação prática prevista” (SILVA, 2005 p. 20). Já em relação à natureza dos procedimentos técnicos empregados, foram realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisas documentais. Estas últimas, de acordo com Gil (1991), baseiam-se em documentos que não foram analiticamente tratados, enquanto as primeiras são feitas a partir de artigos e livros. O artigo está estruturado da seguinte maneira: a seção seguinte faz uma breve contextualização das adversidades que o contexto norte-americano do ensino superior formal vem experimentando; em seguida é apresentado o movimento UnCollege e logo após são tecidas algumas considerações finais sobre o tema.

## A CRISE DAS UNIVERSIDADES AMERICANAS

De acordo com McCowan (2016b), originalmente as universidades tinham como função transmitir conhecimentos relacionados à religião, principalmente o cristianismo, bem como áreas medicinais, de direito e teologia, combinadas com

conhecimentos sobre retórica, escrita e artes em geral. Havia, a priori, um propósito de contribuição perante a sociedade, por meio da formação de pessoas em áreas de pesquisa e serviços públicos (CHAN, 2016). McCowan (2016b) afirma que na história do ensino superior houve um declínio das universidades em geral a partir de 1700. Apesar disso, as universidades voltaram a ter seus lugares de destaque na sociedade a partir de Wilhelm von Humboldt, no século XIX no contexto da revolução industrial, que trouxe ideais como liberdade acadêmica e a união entre ensino e pesquisa, formando, posteriormente, a base das universidades tradicionais conhecidas atualmente (MCCOWAN, 2016b).

Segundo Pachioni (2012), na Idade Média, a comunidade dentro da universidade não estava associada à riqueza, mas sim à busca de expressão individual por meio das pesquisas. No entanto, o contexto atual afastou-se dessa finalidade, visto que a universidade passou a ser vista como uma forma de buscar a melhoria das condições dos seus estudantes, assim como uma medida relativa ao grau de desenvolvimento dos países, perspectivas que acabaram tornando-se complementares na sociedade (PACHIONI, 2012). Assim, segundo autores como Pachioni (2012) e McCowan (2016a), no contexto americano, apesar de economicamente inviável e de suas potenciais falhas para com a educação, a universidade passou a ser uma etapa natural para se alcançar a chamada “carreira de sucesso”.

De acordo com McCowan (2016b), o ensino superior tem se legitimado de forma crescente, à medida que se torna depositário de um reconhecimento cada vez maior como um agente de desenvolvimento das

sociedades. Segundo o autor, isso pode ser observado a partir da inclusão do ensino superior como facilitador para o alcance das metas de desenvolvimento sustentável (Sustainable Development Goals - SDGs) na agenda de desenvolvimento da ONU (Organização das Nações Unidas), o que tem influenciado o já intenso crescimento na demanda e na criação de instituições do ensino superior ao redor do mundo.

Segundo relatório publicado pela Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2016), as taxas de desemprego por escolaridade, considerando a população entre 25 e 64 anos de 44 países, entre os anos de 2013 e 2016, são maiores para a parcela da população que não possui diploma do ensino superior. Segundo essa mesma pesquisa, enquanto nos Estados Unidos a taxa de desemprego para o grupo de pessoas com nível escolar secundário e que não possuem nível superior é 31,2% e para as pessoas com nível superior é de 18,4%, no Brasil, a taxa de desemprego para o primeiro grupo é de 26,1% e para o segundo grupo é de 16,6%. Corroborando essa linha, Carnevale, Jayasundera e Gulish (2015) apontam que, nos Estados Unidos, dos 2,9 milhões de postos de trabalho reconhecidos como “bons” (postos de trabalho cujo salário estão acima da média de suas respectivas áreas) criados no período pós-recessão no país, 2,8 milhões foram ocupados por profissionais com diploma universitário, ou seja, mais de 90% desses cargos foram preenchidos por pessoas com nível superior completo.

Apesar do tradicional reconhecimento dessas instituições, McCowan (2016b) afirma que há o questionamento sobre a falta de evidências empíricas da real contribuição que uma instituição do ensino superior oferece, bem como com relação à falta de clareza sobre o conceito de universidade e de

conhecimento/divulgação sobre seus impactos na sociedade. Para Pireddu (2013), o sistema educacional é tão antigo quanto as críticas direcionadas a ele. Por exemplo, o autor aponta críticas de 1919, em que Giovanni Papini defende o fechamento da escola, visto que ela “ensina mal porque ensina as mesmas coisas da mesma maneira e com a mesma quantidade, sem ter em conta a diversidade infinita de raça, talento, idade, necessidades, etc.” (PAPINI, 1919 apud PIREDDU, 2013, p. 254). Outra obra frequentemente citada por diversos autores (e.g., PACHIONI, 2012; DOČEKAL; TULINSKÁ, 2015; MCCOWAN, 2016a, 2016b) é o livro “Sociedade sem escolas”, de Ivan Illich (ILLICH, 1971), em que o autor confronta o modelo tradicional de ensino universal (PACHIONI, 2012; DOČEKAL; TULINSKÁ, 2015).

Analogamente aos ideais de Papini, Illich formaliza em sua obra o conceito de desescolarização das instituições e do modelo de ensino vigente, com o objetivo de alcançar o potencial criativo dos estudantes, dando origem à ideia de uma escola por todos e não para todos (PACHIONI, 2012). Oportunidades iguais de educação são desejáveis e alcançáveis, segundo Illich (1971), mas não podem ser igualadas ou confundidas com a obrigatoriedade de presença nas instituições de ensino: educação e escolarização, portanto, são conceitos diferentes e, enquanto a educação é, sim, desejável, a escolarização por si só, não (PACHIONI, 2012). Segundo McCowan (2016a), Illich traz à tona desde questões relacionadas ao currículo escolar, sua efetividade e seu papel para a alienação da sociedade até a questão do real valor da existência de instituições de ensino.

Segundo Dočekal e Tulinská (2015), Illich defendia que a função social das instituições de ensino garante o status quo da

sociedade polarizada na medida em mantém esta sociedade passiva por meio do ensino da percepção de que se deve mantê-la como está. Assim, as instituições de ensino desencorajam classes desprivilegiadas a acessarem seus potenciais e o controle de seus aprendizados, ao passo que seu modelo de ensino reduz o aluno por meio de seu “fracasso” dentro do sistema (PACHIONI, 2012).

Illich ainda defendia que a escola não é a única instituição que garante a manutenção do status quo do sistema, mas é a que possui um alcance mais profundo, devido à legitimidade conferida a ela para a formação do conhecimento e do senso crítico dos estudantes. Além disso, a institucionalização do ensino teve como consequência uma crescente dependência em cima do professor e da crença de que o aprendizado deve ser feito através desse ator (MCCOWAN, 2016a). Nesse contexto, instituições incentivam os ditos “especialistas” a legitimarem ou não o que pode ou não ser ensinado aos estudantes, garantindo seus status e suas posições dentro da sociedade (ILLICH, 1971; MCCOWAN, 2016a).

Pachioni (2012), citando Gramsci (1968), discorre sobre a natureza das formações para a população em geral e para a elite de uma sociedade: enquanto o grupo dito popular recebe treinamentos mais técnicos voltados para a produção, a formação das elites volta-se para a formação humanística e científica. Segundo esse autor, o texto publicado por Illich no século XX acarretou diversas reflexões sobre o real valor das instituições de ensino e seus questionamentos ainda são discutidos na atualidade (PACHIONI, 2012). Segundo McCowan (2016a), embora as questões

levantadas por Illich fazerem referência a um contexto passado, há uma preocupação atual sobre a crescente obsessão por provas e qualificações e o surgimento de uma questão maior: o “imperialismo cultural do modelo escolar ocidental”, propagada pela iniciativa da UNESCO sob a bandeira “educação para todos” (MCCOWAN, 2016a, p. 197). Essa expansão da escolarização feita pela iniciativa traz à tona preocupações com relação aos problemas citados anteriormente nas obras de Illich no âmbito mundial, tanto em países desenvolvidos quanto em países subdesenvolvidos (MCCOWAN, 2016a).

Outra crítica levantada por diversos autores, como Pireddu (2013), reside no fato de que as instituições de ensino ainda estão firmemente pautadas na cultura das sociedades industriais, em que o modelo taylorista-fordista de divisão do trabalho era o paradigma vigente. Nesse sentido, o autor traça um paralelo entre o sistema educacional e a cultura de produção fordista em que as diversas “peças” individuais (alunos) advindas de diferentes origens, são processadas, por assim dizer, de forma a se tornarem composições homogêneas para a sociedade; tal conceito é denominado pelo autor como bullet theory ou teoria da agulha hipodérmica (PIREDDU, 2013). Ainda, acrescenta-se a esse descompasso do modelo de ensino uma intensa transformação cultural, acentuando-o (PIREDDU, 2013; HARTNETT; BROWN; ANDERSON, 2014). Segundo Souza (2016), é possível notar uma mudança de perfil dos alunos ingressantes no ensino superior, embebidos em um contexto cultural muito mais tecnológico que outrora.

Para Pireddu (2013, p. 251), à medida que as pessoas têm acesso a novas fontes de informação, torna-se primordial que os educadores mudem sua forma de ensino para

uma metodologia que possibilite aos alunos “encontrar, classificar, analisar, compartilhar, discutir, criticar e criar informações”. Na mesma linha, Hartnett, Brown e Anderson (2014) afirmam que, na Era Digital, novas formas de ensino formal, informal e não-formal são necessárias. De acordo com esses autores, o uso de tecnologias expande os limites espaciais e temporais de aprendizado tanto de modo geral quanto sob a perspectiva individual, ou seja, os limites de aprendizado podem diferir de pessoa para pessoa de acordo com sua relação com a tecnologia empregada. Nesse contexto, a tecnologia permite a escolha de quando e de onde a aprendizagem ocorre (HARTNETT, BROWN; ANDERSON, 2014).

Reforçando essa ideia, McCowan (2016a) afirma que os ideais de Illich tornaram-se mais palpáveis com a assistência de tecnologias e da internet. Entretanto, Hartnett, Brown e Anderson (2014) afirmam que no ensino formal em geral ainda prevalece o uso de tecnologias de ensino limitado pelo espaço da sala de aula, o que pode ser visto como uma maneira de minar a expansão dessa ferramenta, reafirmando a crítica anteriormente citada em relação à estagnação do modelo de ensino das instituições.

Para McCowan (2016a), entre as principais críticas em relação às instituições do ensino superior estão: currículo irrelevante, padronização de um modo de pensamento, falta de acesso igualitário a todos, governança ineficiente e estudantes graduados não preparados. Além disso, o autor também cita outro aspecto alvo de críticas com relação à institucionalização da educação no que se refere à comoditização (commodification) do conhecimento, visto que, cada vez mais, são vendidos “pacotes fechados” de conhecimentos recortados como forma de aumentar o lucro.

Tal cenário é debatido por diversos autores, que observam uma pressão cada vez maior sobre as universidades para que estas não só ofereçam acessibilidade aos seus clientes (estudantes) e se alinhem às expectativas do mercado de trabalho (CHAN, 2016), mas também adequem seu modelo de atuação segundo uma lógica de mercado, na qual as palavras de ordem são “eficiência”, “eficácia”, “produtividade” (SIGAHI, 2017; SIGAHI; SALORATO, 2018). De forma ainda mais incisiva, Chauí (2003, 2016) aponta para uma mudança de natureza ontológica da universidade, uma vez que, para a autora, ela deixou de ser uma instituição social e passou a ser uma organização prestadora de serviços.

Nesse sentido, para atender o mercado, Chan (2016) observa que há uma crescente expectativa de que as universidades ensinem não só as disciplinas propostas na graduação, mas também competências como comunicação (oral e escrita), responsabilidade, tolerância e outras soft skills. O autor afirma que o ensino superior está enfrentando cada vez mais desafios face tal expectativa, tanto com relação aos serviços prestados demandados e esperados que essas instituições ofereçam, bem como o crescente aumento de instituições criadas. Além disso, há um gap com relação às expectativas dos estudantes quanto às instituições de ensino superior e o real propósito dessas instituições, o que acaba tendo um impacto no propósito de se buscar um diploma (CHAN, 2016). Corroborando a ideia sobre a tendência à comoditização do ensino no contexto atual, o autor acrescenta que há uma pressão cada vez mais intensa sobre as instituições de ensino superior, materializada nos “programas de graduação”, para que estas concebam seus estudantes enquanto consumidores ou clientes de seus produtos.

Autores como Barber et al. (2013) afirmam que além de todos esses fatores, tem sido observado um crescente aumento na cobrança das taxas universitárias, que, segundo eles, deve-se à referida comoditização do ensino supracitada, bem como à crescente criação de serviços dentro do espaço universitário. De acordo com os autores, grande parte dos serviços prestados hoje pelas universidades é irrelevante para a experiência do aluno. Os autores também afirmam que a tendência de aumento das taxas universitárias visa criar uma percepção de alta qualidade de ensino.

Nesse contexto, uma pesquisa realizada pelo National Center for Education Statistics (NCES, 2017) revela que o custo médio de uma graduação de quatro anos em uma instituição pública americana aumentou 33% entre 2004/2005 e 2014/2015; 26% no mesmo período para as instituições privadas sem fins lucrativos, e tendo sido reduzida em 18% no mesmo período nas instituições privadas com fins lucrativos. Concomitantemente a esse aumento, segundo Simon e Ensign (2013), observa-se uma crescente preocupação com as dívidas estudantis nos Estados Unidos, tendo em vista os dados do Banco de Reserva Federal de Nova Iorque (Federal Reserve Bank of New York). Segundo os autores, o número de pessoas com menos de 30 anos e cujas dívidas estudantis estavam atrasadas pelo menos 90 dias aumentou em 26% de 2008 para 2013. As notas publicadas no site desta instituição apontam que na última década houve um aumento significativo das dívidas estudantis no país (BRICKER et al., 2015).

Outro fator relevante a se ressaltar é o fato de que não só o “produto” das universidades está sendo cada vez mais subdividido em “pacotes”, como ressaltado

por McCowan (2016a), mas também as funções dos docentes dentro das instituições (MACFARLANE, 2011) e, no limite, suas pesquisas. Segundo o autor, observa-se uma espécie de especialização dos docentes em um dos três elementos que compõem a função da universidade: ensino, pesquisa ou extensão. Isso ocorre como consequência de uma busca cada vez maior por eficiência por parte das universidades, pelo esforço em massificar a educação, bem como a incisiva introdução da tecnologia no ensino e uma maior expectativa por parte dos estudantes com relação aos serviços oferecidos. A essa tendência de especialização, o autor define como unbundling (MACCOWAN, 2016a).

Nesse contexto, Macfarlane (2011) define uma nova classe de docentes, denominados por ele de para-docentes (“para-academic”), cuja função é cada vez mais especializada, contrapondo-se ao perfil de outrora, que englobava as três funções principais da universidade. Segundo o autor, essa tendência é um reflexo da evolução que ocorre nas áreas de serviços e do setor público, cujas funções tornaram-se mais especializadas. O autor ainda discorre sobre as consequências desse processo, como por exemplo, o foco docente nas performances individuais, resultando em um distanciamento com relação ao ensino relevante ao estudante, contribuindo, assim, com o aumento da taxa de abandono nas universidades, visto que a experiência do aluno acaba sendo prejudicada.

Em face desse cenário passa a haver um crescente questionamento sobre o real valor de um diploma universitário, favorecendo a quebra de um paradigma até então consolidado (WILLIAMS, 2012; MCCOWAN, 2016a). Williams (2012) aponta o surgimento desses questionamentos tanto

por parte de docentes quanto de estudantes, o que pode ser observado no artigo *One Size Does Not Fit All: A Student's Assessment of School*, publicado pelo estudante Nikhil Goyal (GOYAL, 2012). Barton (2012), por meio de um levantamento realizado pela empresa de consultoria McKinsey, constatou que cerca de 40% dos empregadores não conseguem preencher uma vaga de trabalho com a justificativa de não alinhamento das competências exigidas pela empresa e pelo mercado com as competências reais dos candidatos.

Considerando estes crescentes questionamentos sobre o papel das instituições de ensino superior americanas (o berço do movimento UnCollege), atores do mercado passam a propor respostas ou alternativas, como por exemplo, o programa desenvolvido pelo cofundador do PayPal e investidor do Facebook, Peter A. Thiel, o Thiel Fellowship Program, que oferece US\$ 100.000,00 para estudantes não irem para universidades e hackear sua educação (HINDMAN, 2012; WILLIAMS, 2012). De acordo com Hindman (2012), Thiel propõe que o diploma universitário não é necessariamente um pré-requisito para uma carreira de sucesso e que as dívidas adquiridas por estudantes durante a sua graduação nos Estados Unidos acabam minando suas trajetórias. Sobre isso, McCowan (2016a) observa no Vale do Silício, um movimento de valorização de pessoas que não foram “moldadas” pelo ensino superior como um forte indício dessa quebra de paradigma. Segundo Williams (2012), há cada vez mais brechas na mentalidade de que para se conseguir um emprego de sucesso o candidato deve necessariamente possuir um diploma universitário. Associada a esta ideia estão alguns exemplos de empresas, desde pequenas, como Livefyre e Undrip, até gigantes, como Facebook, Tumblr, Apple e

Twitter, todas fundadas por pessoas que abandonaram a universidade.

Dočekal e Tulinská (2015) afirmam que há uma tendência por parte dos alunos de alinhamento ao conceito de desescolarização, proposto por Illich. Já Pireddu (2013) cita o livro *Hacking Your Education*, de Dale S. Stephens (STEPHENS, 2013), fundador da organização UnCollege, como um conceito alinhado ao pensamento de Giovanni Papini de 1919 de um modo menos radical. De acordo com Pireddu (2013), o movimento UnCollege incorpora a dita transferência da responsabilidade para o indivíduo e o conceito de participação livre defendidos por Illich. Nesse contexto, Bolger (2017) cita algumas iniciativas anteriores ao grupo criado por Stephens, que ajudaram a popularizar o movimento UnCollege, como os livros “*The UnCollege Alternative: Your Guide to Incredible Careers and Amazing Adventures Outside College*”, de Wood (2000), e “*Better Than College: How to Build a Successful Life Without a Four-Year Degree*”, de Boles (2012). Segundo o autor, tal movimento possui como ideia central a possibilidade de estudantes aprenderem competências necessárias para o mercado fora de um contexto de educação superior tradicional.

Face aos problemas e desafios cada vez maiores relacionados às dívidas estudantis e aos mercados saturados de profissionais (WILLIAMS, 2012), a iniciativa UnCollege de Stephens, ganhou especial atenção em veículos de mídia de amplo alcance, e em menor medida, na literatura acadêmica (WILLIAMS, 2012; DOČEKAL; TULINSKÁ, 2015; MCCOWAN, 2016a). Dočekal e Tulinská (2015) citam também os projetos Edventure e Mimo Skolu do The Czech como exemplos dessa tendência. De acordo com McCowan (2016a), tanto iniciativas como o UnCollege e o Thiel

Fellowship Program, quanto o desenvolvimento de ferramentas como os MOOCs (Massive Open Online Courses), que são cursos oferecidos online por universidades reconhecidas mundialmente, como Harvard, e que possibilitam o conhecimento a transcender limites geográficos (DOČEKAL; TULINSKÁ, 2015), alinhados com as questões que levantam críticas em relação às universidades, formam um cenário cada vez mais desafiador para essas instituições.

### O MOVIMENTO UNCOLLEGE

O termo UnCollege refere-se à possibilidade de estudantes desenvolverem as competências exigidas pelo mercado de trabalho sem frequentarem uma instituição de educação superior tradicional (BOLGER, 2017). Com este ideal, a iniciativa Thiel Fellowship Program, citada anteriormente, criada por Peter A. Thiel, destaca-se por sua polêmica proposta de oferecer uma recompensa financeira para estudantes deixarem suas universidades e criarem suas próprias iniciativas, simbolizando a descrença em relação às instituições de ensino superior (HINDMAN, 2012; WILLIAMS, 2012).

No entanto, tanto o termo quanto o conceito UnCollege só começaram a ter destaque após a criação da organização UnCollege por Dale S. Stephens, em 2011. Este evento ganhou espaço em publicações de veículos de informação como o The New York Times e o The Huffington Post, nos Estados Unidos, e as revistas Exame e Veja, no Brasil, alcançando também o interesse de pesquisas acadêmicas (PIREDDU, 2013; CARRERA-SABATÉ et al., 2014; HARTNETT; BROWN; ANDERSON, 2014; DOČEKAL; TULINSKÁ, 2015; MCCOWAN,

2016a; BOLGER, 2017). A organização UnCollege foi criada quando Stephens abandonou o Hendrix College e ganhou o Thiel Fellowship Program.

A organização oferece entre seus produtos o Gap Year ou Gap Semester, programas baseados na metodologia Supported Self-Directed Learning com o objetivo de ensinar soft skills a partir da vivência dos alunos. O programa Gap Year é dividido em três etapas: aprendizado em um ambiente internacional; workshops na base da organização em São Francisco, nos Estados Unidos, que vão desde treinamentos em oratória, gestão de tempo e hábitos eficientes de trabalho até terapias de rejeição, todos sob o mantra de “aprender a aprender”; e um estágio no final da experiência.

De acordo com Williams (2012), a organização tem como objetivo hackear a educação: a saída de um aluno da universidade não deve representar uma incapacidade, mas sim uma questão de escolha. Para Ojalvo (2012), o UnCollege investe na quebra do paradigma de que a universidade é o único caminho para alcançar uma carreira de sucesso. A ideia segue a premissa do movimento Do It Yourself (D.I.Y.), no contexto do ensino superior, onde o termo hackear pode ser aferido a diversas formas de autoaprendizagem fora das instituições tradicionais de ensino, como grupos de estudos colaborativos, trabalhos voluntários, MOOCs e até mesmo viagens (WILLIAMS, 2012), que estão se tornando cada vez mais comuns (CARRERA-SABATÉ et al., 2014). E, apesar da conotação negativa percebida pela sociedade em relação ao termo hackear, principalmente pelo mau uso do termo por parte de acadêmicos e da mídia, sua

definição na realidade expressa a noção de abertura (*openness*, em inglês), como se fosse uma “ferramenta que se utiliza para cortar, abrir algo em várias partes” (PIREDDU, 2013, p. 247). A cultura hacker, portanto, pauta-se na “cooperação horizontal” e na “comunicação aberta” (PIREDDU, 2013, p. 246).

Stephens enfatiza que a metodologia utilizada nas universidades ensina os alunos a seguirem ordens e a decorarem o conteúdo, oferecendo recursos sem ensinar de fato o estudante como acessá-los, fazendo com que, ao ingressarem no mercado de trabalho, os recém-graduados não sejam capazes de buscar e acessar recursos e informações por conta própria. O fundador do UnCollege afirma ainda que, apesar do reconhecimento da existência de diversidade demográfica dentro do campus de uma universidade, há uma certa “homogeneização” dessas mesmas pessoas, visto que possuem o mesmo motivo para estarem lá. Dessa forma, o único motivo “válido” para ir à universidade seria o status que ela oferece às pessoas perante a sociedade (OJALVO, 2012).

Além do Thiel Fellowship Program e do UnCollege, Dočekal e Tulinská (2015) citam também como parte do movimento os projetos Edventure e Mimo Skolu do The Czech. Outras iniciativas como o Zero Tuition College (plataforma de suporte que possibilita ao aluno encontrar alternativas à universidade) e o Enstitute (grupo que oferta um programa de dois anos de estágio com empreendedores) também são mencionados por Williams (2012). Barber et al. (2013) citam o site [notgoingtouni.co.uk](http://notgoingtouni.co.uk) (que tem o intuito de oferecer vagas de aprendizes para jovens sem diploma universitário) como parte do movimento em um panorama fora dos Estados Unidos, neste caso, no Reino Unido.

Há que se observar que, mesmo pessoas favoráveis ao movimento de saída

das universidades ou críticas a elas, defendem que alguns cargos ou posições como, por exemplo, médicos e advogados, necessitam da legitimidade que o diploma universitário imprime, nesse caso, associado à capacidade e conhecimento dos profissionais formados. Sobre isso, o fundador do UnCollege afirma que o movimento não é um incentivo em massa para as pessoas não irem às universidades, mas sim para “abrir a mente das pessoas para diferentes oportunidades” (STEPHENS, 2012 apud WILLIAMS, 2012, p. 5).

No Brasil, o movimento de desescolarização surgiu em 2014, ganhando destaque com uma publicação no jornal de ampla circulação “O Estado de São Paulo” (VIEIRA, 2014). De acordo com o autor, a organização UnCollege foi criada no país por Lucas Coelho, estudante que também deixou a universidade para seguir o ideal do movimento. Embora tenha recebido algum reconhecimento pela imprensa nacional, como pode ser observado em Honorato (2013), Costa et al. (2013) e Allan (2015), o movimento perdeu força poucos anos depois. Como resposta, foi lançado, em 2017, o Year On, uma nova iniciativa que passou a ser divulgada pelo UnCollege após declínio do movimento original.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o UnCollege tenha ganhado atenção em veículos relevantes dentro do meio corporativo nacional e internacional, nota-se um enfraquecimento do movimento, visto que várias das principais iniciativas mapeadas foram encerradas, como o Zero Tuition College e o Enstitute, respectivamente, em 2016 e 2015. Além disso, apesar de a organização criada por Stephens destacar-se como o ator de maior relevância dentro do movimento, a própria organização, ao final de 2017, mudou sua filosofia, o que

pode ser notado a partir da alteração do nome do programa de UnCollege para Year On. A iniciativa Year On passa a abranger não apenas pessoas que querem uma alternativa às universidades, mas também estudantes do ensino médio que desejam entrar em uma instituição de ensino superior de forma mais “consciente”, dando mostras do enfraquecimento do movimento original.

De acordo com Allan (2015), mesmo tendo em vista a dificuldade do mercado de trabalho em absorver profissionais com diplomas universitários no cenário atual, deixar completamente o caminho da educação formal é uma alternativa arriscada e precipitada. A autora propõe que movimentos como o UnCollege funcionem como uma forma de continuidade à autoaprendizagem, mas não necessariamente como alternativa às universidades, colocando-os como um “complemento” a elas. De fato, a recente mudança do UnCollege para Year On alinha-se com tal perspectiva. O programa Thiel Fellowship Program que recebeu diversas críticas com relação à mensagem transmitida aos jovens, inclusive considerando que o criador do programa lidera uma empresa (i.e., Paypal) que requer o diploma universitário de seus contratados e que ele próprio possui diploma. Apesar disso, destaca-se que alguns jovens participantes do programa foram premiados por seus negócios sociais ou venderam seus projetos desenvolvidos durante o Thiel Fellowship para empresas maiores (HINDMAN, 2012).

Outra crítica ao movimento é referente à natureza de seus ideais: apesar de alguns autores, como Dočekal e Tulinská (2015) e Pireddu (2013), relacionarem o UnCollege com o conceito de desescolarização proposto por Illich,

McCowan (2016a) afirma que há uma distinção em relação ao objetivo de cada movimento. Segundo o autor, a desescolarização está voltada ao alcance do potencial individual em prol de uma sociedade igualitária, enquanto as iniciativas que surgem principalmente dentro do Vale do Silício incentivam a desescolarização como mecanismo de aprimoramento de competências, criatividade e inovações com foco no sucesso dentro da cultura capitalista, ou seja, busca-se o enriquecimento individual. Reforçando tal perspectiva, Barber et al. (2013) observam o fato de que, apesar de tentativas de expansão, o movimento com origem no Vale do Silício é voltado para elite econômica já privilegiada; portanto, a ausência de uma formação superior pode não representar qualquer prejuízo econômico e social a essas pessoas.

Concluindo, a partir da busca junto à literatura acadêmica e a veículos de imprensa relevantes, este artigo propôs um estudo exploratório inicial sobre o surgimento do movimento UnCollege, bem como sobre seu propósito e natureza. Apesar da incipiência do tema e de certo enfraquecimento do movimento, tendo em vista que as principais iniciativas tomaram rumos adversos, nota-se que o surgimento de noções e lógicas em prol do mercado (e em detrimento da busca de inserção no mercado de trabalho por meio do ensino superior formal) é cada vez mais presente, principalmente no contexto norte-americano, cuja crise dentro do cenário de ensino superior é cada vez mais crítica.

Pesquisas futuras podem se debruçar em entrevistas com pessoas que fizeram parte do movimento UnCollege, para um entendimento mais profundo sobre o tema. Outras sugestões seriam explorar este tema em outros contextos, além do norte-

americano, assim como investigar a relação do movimento UnCollege com fenômenos mais amplos e já consolidados na literatura acadêmica, como por exemplo, a flexibilização curricular proposta pelo

Processo de Bolonha (DIAS SOBRINHO, 2005), o capitalismo acadêmico (SLAUGHTER; RHOADES, 2004; SALTORATO, 2018, 2019) e o inovacionismo (DIAS; SERAFIM, 2015).

## REFERENCES

- ALLAN, L. **A viagem sem fim do autoaprendizado**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/crescer-em-rede/a-viagem-sem-fim-do-autoaprendizado/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.
- BARBER, M.; DONNELLY, K.; RIZVI, S. **An avalanche is coming**: Higher education and the revolution ahead. London: Institute for Public Policy Research, 2013. Relatório técnico.
- BARTON, D. **Young, gifted and slack**: the skills gap must be bridged if the world is to avoid dire consequences. Disponível em: < <https://www.economist.com/news/2012/11/21/young-gifted-and-slack>>. Acesso em: 28 mai. 2018.
- BOLGER, A. T. Higher education and employability: a case study of debt and justice in the process to becoming a work college. 207 f. Tese (Doutorado em Educação Superior) - School of Behavioral and Applied Sciences, Azusa Pacific University, California, 2017.
- BRICKER, J.; BROWN, M.; HANNON, S.; PENCE, K. **How Much Student Debt is Out There?** 2015. Disponível em: <<https://www.federalreserve.gov/econresdata/notes/feds-notes/2015/how-much-student-debt-is-out-there-20150807.html>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BOLES, B. **Better Than College**: How to Build a Successful Life Without a Four-Year Degree. New York: Tells Peak Press, 2012.
- CARNEVALE, A. P.; JAYASUNDERA, T.; GULISH, A. **Good jobs are back**: College Graduates Are First in Line. Washington: Center on Education and the Workforce, 2015. Relatório técnico.
- CARRERA-SABATÉ, J.; BLANCO-PINYOL, E.; CREUS-BELLET, I.; FERNÁNDEZ-PLANAS, A. M.; PONS-MOLL, C. “Guies de pronunciació del català”: Tools and reflections to modify articulatory habits at university. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON EDUCATION AND NEW LEARNING TECHNOLOGIES, 6., 2014, Barcelona. **Anais...** Barcelona: IATED, 2014.
- CHAN, R. Y. Understanding the purpose of higher education: An analysis of the economic and social benefits for completing a college degree. **Journal of Education Policy, Planning and Administration**, Cambridge, v. 6, n. 5, p. 1-40, 2016.
- CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, 2003.
- CHAUÍ, M. **Contra a universidade operacional e a servidão voluntária**. Bahia, 2016. Palestra na Universidade Federal da Bahia.
- COSTA, J. E.; ROSSI, L.; RESCHKE, C.; MARINO, C.; NEVES, N.; AMARO, M. **15 profissionais que encontraram realização no trabalho**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/15-profissionais-que-encontraram-realizacao-no-trabalho/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

- DIAS SOBRINHO, J. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- DIAS, R.; SERAFIM, M. Comentários sobre as transformações recentes na universidade pública brasileira. **Avaliação**, Campinas, v. 20, n. 2, 2015.
- DOČEKAL, V.; TULINSKÁ, H. The impact of technology on education theory. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 74, n. 12, p. 3765-3771, 2015.
- OECD. **Employment by education level**. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development, 2016. Relatório técnico.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GOYAL, N. **One Size Does Not Fit All: A Student's Assessment of School**. New York: AERO, 2012.
- HARTNETT, M.; BROWN, M.; ANDERSON, B. Learning in the digital age: how are the ways in which we learn changing with the use of technologies? In: GEORGE, A. S.; BROWN, S.; O'NEILL, J. (Ed.). **Facing the big questions in teaching: Purpose, power and learning**. Melbourne: Cengage, 2014. p. 116-125.
- HINDMAN, N. C. **Peter Thiel Fellow One Year Later, Income Hard To Come By**. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2012/08/10/peter-thiel-fellows-one-y\\_n\\_1763597.html](http://www.huffingtonpost.com/2012/08/10/peter-thiel-fellows-one-y_n_1763597.html)>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- HONORATO, R. **'Nem todos precisam da escola', diz jovem que criou programa para autodidatas**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/nem-todos-precisam-da-escola-diz-jovem-que-criou-programa-para-autodidatas/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.
- ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MACFARLANE, B. The Morphing of Academic Practice: Unbundling and the Rise of the Para-academic. **Higher Education Quarterly**, New Jersey, v. 65, n. 1, p. 59-73, 2011.
- MCCOWAN, T. Forging Radical Alternatives in Higher Education: The Case of Brazil. **Other Education: The Journal of Education Alternatives**, Kenilworth, v. 5, n. 2, p. 196-220. 2016a.
- MCCOWAN, T. Universities and the post-2015 development agenda: an analytical framework. **Higher Education**, Amsterdam, v. 72, n. 4, p. 505-523, 2016b.
- OJALVO, H. E. **Why Go to College at All?** Disponível em: <<https://thechoice.blogs.nytimes.com/2012/02/02/why-go-to-college-at-all/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.
- PACHIONI, M. S. A desescolarização da sociedade para a construção do conhecimento. **Revista Ação Midiática**, Curitiba, v. 2., n. 2, p. 1-8, 2012.
- PIREDDU, M. Hacking education - A formação entre abertura e a tecnologia. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 20, n. 2, p. 246-260, 2013.
- SIGAHI, T. F. A. C. **A ascensão da lógica financeira sob a perspectiva da teoria do capitalismo acadêmico: consequências para a formação do engenheiro de produção**. 163 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

SIGAHL, T. F. A. C.; SALTORATO, P. A emergência da universidade operacional: redes, liquidez e capitalismo acadêmico. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 522-546, 2018.

SIGAHL, T. F. A. C.; SALTORATO, P. Academic capitalism: distinguishing without disjoining through classification schemes. **Higher Education**, Amsterdam, *in press*, p. 1-23, 2019.

SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SIMON, R.; ENSIGN, R. L. **Student-Loan Delinquencies Among the Young Soar**. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB1000142412788732397810457833222280552651>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. **Academic Capitalism and the New Economy: Markets, State, and Higher Education**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

SOUZA, S. R. **A formação docente em uma proposta inovadora: um estudo na formação inicial de professores da educação básica**. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

STEPHENS, D. J. **Hacking Your Education: Ditch the Lectures, Save Tens of Thousands, and Learn More Than Your Peers Ever Will**. New York: Perigee Trade, 2013.

NCES. Tuition costs of colleges and universities. Washington: National Center for Education Statistics, 2017. Relatório técnico.

UNCOLLEGE. **The UnCollege Blog**. Disponível em: <<https://www.UnCollege.org>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

VIEIRA, V. **Movimento Uncollege chega ao Brasil em setembro**. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,movimento-uncollege-chega-ao-brasil-em-setembro,1532076>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

WILLIAMS, A. **Saying No To College**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2012/12/02/fashion/saying-no-to-college.html>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

WOOD, D. K. **The UnCollege Alternative: Your Guide to Incredible Careers and Amazing Adventures Outside College**. New York: Harper Paperbacks, 2000.

## NOTA

(1) Graduada em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar/Sorocaba).

(2) Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/São Carlos). Graduada em Engenharia Civil pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Guaratinguetá). Professora do Departamento de Engenharia de Produção na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar/Sorocaba). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inovação e Transferência Tecnológica (GEPITec-UFSCar/Sorocaba) e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Sociologia Econômica e das Finanças (NESEFi-UFSCar).

(3) Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar/Sorocaba). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Graduado em Administração pelo Centro Universitário Octávio Bastos. Técnico-Administrativo em Educação do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

(4) Doutorando em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo, Escola Politécnica (USP/Poli). Mestre e graduado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar/Sorocaba). Pesquisador do Grupo de Estudos em Trabalho, Tecnologia e Organizações (TTO-USP/Poli) e do Núcleo de Estudos em Sociologia Econômica e das Finanças (NESEFi-UFSCar).

*Enviado: 28/05/2019*

*Aceito: 30/01/2020*